

É esta antropologia que permite olhar como compatíveis o domínio de Deus e a liberdade do homem, heteronomia e autonomia, dependência de Deus e afirmação da própria identidade. Com a sua identificação da verdade com a certeza, as filosofias modernas, desde Descartes, secundarizaram primeiro, e descartaram depois, a fonte de conhecimento que é a Revelação. Resultou daí uma imagem empobrecida e desvirtuada de Deus na própria filosofia. Daí o medo de Deus, a substituir a confiança nele, bem como a alergia à adoração, compreendida como inimiga da liberdade humana.

A autora dividiu o seu ensaio em duas partes. Na primeira, procura introduzir o leitor no conceito guardiniano de cosmovisão católica do mundo e na sua crítica aos elementos que configuraram a cultura moderna. Na segunda, em sucessivos capítulos, expõe os traços fundamentais da antropologia teológica de Romano Guardini: o *Lógos* ou Palavra divina como originário do ser do mundo, o homem como imagem de Deus, a tentação e a culpa, o carácter trágico da história, a verdade revelada e o dom da fé, a adoração no quadro do domínio de Deus e da liberdade humana, a essência do cristianismo, a Igreja como mediação da acção salvífica de Deus no tempo, o sentido cristão da liberdade.

Com uma essencial bibliografia ativa (obras de R. Guardini) e passiva (estudos sobre ele).

JORGE COUTINHO

JOSSUA, Jean-Pierre, **La passion de l'infini. Littérature et théologie – Nouvelles recherches**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 520 p., 230 x 145, ISBN 978-2-204-09544-0.

A paixão do infinito foi aquilo que o dominicano J.-P. Jossua – investigador, conferencista e professor de Estética no Centre Sèvres em Paris – encontrou como o que melhor poderia servir como denominador comum para este longo ensaio em que passa em revista numerosos escritores para neles detetar, ora mais em positivo ora mais em negativo, sintomas de inquietação teológica, não sendo eles teólogos mas homens de letras, e sejam eles crentes ou agnósticos. Este livro está, aliás, na continuidade de quatro outros volumes publicados com o título *Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire* (Beauchesne, 1985-1998).

Que a literatura pode ser vista, em muitos casos, como um «lugar teológico» é uma convicção partilhada por bastantes intelectuais, sobretudo teólogos. Jossua está entre os que partilham essa convicção. Daí o seu dedicar-se à exploração dos mais díspares escritores, compreensivelmente com predominância para os franceses, procurando ler nos seus escritos sinais daquela inquietação metafísica e teológica.

O livro está dividido em três partes. Na primeira o autor traz à colação uma série de escritores do século XIX. Leopardi abre a série, com as suas formas do «transcender», seu desejo de beleza, suas «sombras felizes», etc. Segue-se um conjunto de reflexões sobre o pensamento, a fé, a literatura e a estética em Kierkegaard. Depois é Lacordaire e o seu estilo. Baudelaire é objecto de algumas interpretações da sua ideia de religião. O último desta parte é Henri Bremond.

Na segunda parte Jossua procura estabelecer ligações de autores vários com alguns géneros literários específicos, como o diário, o romance, as reescrituras bíblicas, a linguagem mística e a linguagem poética. Ao género «diário» liga figuras exemplares, como Cesare Pavese, Gabriel Marcel e

Charles Du Bos. As formas romanescas, em sua abertura à transcendência, são exemplificadas com a obra de Michel Tournier. Para a reescritura bíblica escolheu Jossua os exemplos de Lindgren, Grosjean e Sylvie Germain. Com uma série de dezoito «sermões» de vários autores procura resposta para uma questão que se levanta a propósito: «Porque é que há tantos sermões nos romances dos séculos XIX e XX?». Explora então temas como os dos castigos divinos (*La Peste, Le Rivage des Syrtes*, etc.); a ameaça de condenação (*Confessions du pêcheur justifié, Lettres de mon moulin...*); apelos à conversão (*La porte étroite, Meurtre dans la cathédrale...*); para que paraíso? (com destaque para *O poder e a glória* de Graham Greene). Cerca de vinte páginas são dedicadas à linguagem mística em sua relação com a linguagem poética.

A terceira parte apresenta estudos sobre o século XX. Começa por uma série de representantes do que Jossua designa metaforicamente como «a China interior» (Claudel, Segalen, Saint-John Perse, Michaux, Bauchau). Segue-se uma releitura de Fogazzaro. André Suarès é visto na situação do limiar da fé. O grande Georges Bernanos é objecto de uma releitura em que ressalta a sua interpretação teológica do crime. Em cena estão os romances *Sous le soleil de Satan, L'Imposture, La joie, Un crime, Un mauvais rêve, Journal d'un curé de campagne, Nouvelle histoire de Mouchette e Monsieur Ouine*. Mauriac representa para o intérprete o que este designa como «o religioso flutuante». Em Henri Bosco procura resposta à pergunta: será ele religioso? Segue-se a interpretação de uma obra que Jossua considera uma das mais belas peças literárias do século XX: *La Maison des autres* de Sílvio d'Arzo. Em René Char evoca o seu gosto pela mística espanhola. Segue-se a teologia de Jean Grosjean. Depois, o dito e o não-dito da experiência religiosa nos

escritos íntimos de Henri Bauchau e uma análise do seu ateliê espiritual. Um longo estudo incide sobre a poesia, a poética e o sentido da criação em Yves Bonnefoy, a que acresce a análise e interpretação de quatro mitos do mesmo autor. Finalmente, em Jean-Pierre Lemaire interessam-lhe as suas «palavras do transcendente», bem como a sua exploração de coisas como o apelo e a esperança.

Estamos em face de um longo texto cuja leitura seria de aconselhar a qualquer intelectual crente, mas sobretudo a quem se dedica à teologia em atitude de quem se quer dialogante com a cultura (no caso, directamente, com a literatura), indo além de uma teologia mais ou menos esotérica por força de uma destinação reservada aos estudiosos e profissionais da mesma. Da nossa parte, gostaríamos de ver no livro de Jossua um pouco mais de distância hermenêutica, em comentários, juízos críticos e outras explanações que tornassem mais explícito aquilo que de teológico (como quer que o seja) vai detectando nos autores e nos escritos que traz à colação. É sobretudo através das sugestões, alusões, indicações de sentido mais ou menos oculto, que, nas suas interpretações, bastante em modo de resumos, somos provocados à leitura teológica desses textos e autores. E isso é, como quer que seja, bastante para o que, no caso, interessa.

PEDRO DE VILA-NOVA

DANIEL, LÁZARO ILZO, **La mediazione materna di Maria in Cristo negli insegnamenti di Giovanni Paolo II**, «Collana di Mariologia» 9, Europress, Lugano, 2011, 240 p., 202 x 159, ISBN 978-88.88446-63-9.

É sobejamente conhecida a predilecção mariana de João Paulo II, o Papa que, pre-